



V° CPO

**NOSSA PRESENÇA PROFÉTICA NO MUNDO:
VIDA E ATIVIDADE APOSTÓLICA
Garibaldi, 1986**

www.ofmcap.org

© Copyright by:
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini
Via Piemonte, 70
00187 Roma
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710
fax. +39 06 48 28 267
www.ofmcap.org

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap
info@ofmcap.org
Roma, A.D. 2016

Sommario

Vº CONSELHO PLENÁRIO DA ORDEM NOSSA PRESENÇA PROFÉTICA NO MUNDO: VIDA E ATIVIDADE APOSTÓLICA Garibaldi, 1986	5
INTRODUÇÃO	7
Capítulo Iº A CONTEMPLAÇÃO EM NOSSA VIDA E ATIVIDADE APOSTÓLICA	9
A - OS NOVOS CONTEXTOS DA CONTEMPLAÇÃO.....	9
B - CARACTERÍSTICAS DA NOSSA CONTEMPLAÇÃO	10
C - OPÇÕES PRÁTICAS	12
Capítulo IIº O DOM E O COMPROMISSO DA FRATERNIDADE	13
A - DIGNIDADE, IGUALDADE, SOLIDARIEDADE NO CONTEXTO ATUAL.....	13
B - DO INDIVIDUALISMO AO TESTEMUNHO PROFÉTICO DA FRATERNIDADE.....	14
C - ORIENTAÇÕES PRÁTICAS	15
Capítulo IIIº A NOSSA VIDA DE POBREZA E MINORIDADE ENTRE OS POBRES	18
A - EXAME DA SITUAÇÃO ATUAL.....	18
Capítulo IVº NOSSA ATIVIDADE APOSTÓLICA.....	21
A - A EVANGELIZAÇÃO EM UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO	21
B - JUÍZO E AVALIAÇÃO	22
C - CONVITE A AÇÃO E OPÇÕES PRÁTICAS.....	24
Capítulo Vº NOSSO ANÚNCIO DA JUSTIÇA DA PAZ E DO RESPEITO PELA NAT REZA.....	26
A - ANÁLISE DA SITUAÇÃO ATUAL	26
I - SINAIS DE MORTE E DE VIDA NESTE MUNDO	26
II - A IGREJA: SOMBRAS E LUZES.....	28
III - A NOSSA FRATERNIDADE CAPUCHINHA: SOMBRAS E LUZES	29
B - CRITÉRIOS E MOTIVOS PARA NOSSAS OPÇÕES	29
C - PISTAS CONCRETAS DE AÇÃO	30
CONCLUSÃO	33

**V° CONSELHO PLENÁRIO DA ORDEM
NOSSA PRESENÇA PROFÉTICA NO MUNDO:
VIDA E ATIVIDADE APOSTÓLICA
Garibaldi, 1986**

Carta a toda a Ordem

Caríssimos irmãos.

Só agora podemos apresentar-vos o Documento do V CPO: "A nossa presença profética no mundo: vida e atividade apostólica". Há meses o esperais. O documento foi revisto, antes de tudo, por uma comissão de redação. E nós, para aprová-lo, quisemos esperar uma reunião plenária do Definitório, o que por causa dos múltiplos compromissos a serviço da Ordem, só foi possível nesses últimos dias.

Antes de tudo, queremos destacar um aspecto do valor do Documento: ele não é senão uma pequena parte de um grande trabalho em que se empenharam as nossas fraternidades durante uns três anos e em que se ocuparão ainda durante anos, comum fruto que esperamos que seja duradouro para a Ordem. Nesse sentido, o Documento recolhe só o que os Delegados das Conferências e o Definitório Geral puderam captar e expressar do inesquecível encontro de setembro de 1986 no Brasil.

Nesse ponto de vista, estamos conscientes de que estamos apresentando a nossos confrades um trabalho limitado e imperfeito. Mas agora nós o assumimos como ele é, e o entregamos a todos e a cada um dos irmãos para que aproveitem de suas inspirações e se sintam estimulados mesmo com suas limitações, a prosseguir na busca e no caminho.

Queremos compartilhar convosco uma convicção nossa: que os Conselhos Plenários tiveram um papel importante em nossa história recente. Eles foram um instrumento novo, por meio do qual podemos escutar as idéias e sentimentos dos frades de todo o mundo de uma maneira nova, fraterna e eficaz. Nossa Ordem, na vida e nos escritos, começando com as Constituições, não seria o que é hoje sem o crescente movimento e fermento que podemos colher em Quito, Taizé, Mattli, Roma e agora em Garibaldi.

Uma das principais linhas de trabalho desde o início da preparação do V CPO foi a de escutar e até mesmo "provocar" os frades sem estabelecer de antemão esquemas e métodos e sem fechar nenhuma porta. Ficamos surpresos com o que se manifestou e estamos certos de que nem tudo veio à tona. Parece-nos que o Espírito Santo está fazendo coisas belíssimas através de nossos irmãos na Ordem em todo o mundo. E essa constatação é enormemente confortante.

Por isso nossa palavra fraterna é agora um pedido insistente de que nossos irmãos, em todo o mundo, ajudados por esse Documento, continuem seu esforço de fazer de nossa vida um testemunho evangélico. É necessário, portanto, entre outras coisas, estudar e aprofundar o próprio Documento em encontros, reuniões, escritos.

Terminamos com as palavras de exortação e bênção de nosso Pai São Francisco ao Capítulo Geral e a todos os frades (vv.7-10,12.61): "Obedecei à voz do Filho de Deus. Observai os seus mandamentos com todo o vosso coração e segui os seus conselhos de toda a vossa alma.

Louvai-o porque vos mandou pelo mundo inteiro a testemunhar a sua voz com a palavra e com as obras.

O Senhor Deus se oferece por vós como filhos.

E vós, se observardes estas coisas, sereis abençoados pelo Senhor e o Senhor esteja eternamente convosco. Amém".

Roma, 2 de fevereiro de 1987.
Festa da Apresentação do Senhor.

Fr. Flávio Roberto Carraro, Ministro Geral
Fr. Francisco Iglesias, Vigário Geral
Fr. Cláudio Olukaren, Definidor Geral
Fr. José Carlos Corrêa Pedroso, Definidor Geral
Fr. Victrício Veith, Definidor Geral
Fr. Jacques Bélanger, Definidor Geral
Pr. Pacífico Didycz, Definidor Geral
Fr. John Corriveau, Definidor Geral
Pr. Teodósio Mannucci, Definidor Geral

INTRODUÇÃO

Este V CPO deve sua primeira inspiração ao Capítulo Geral de 1982, que percebeu a necessidade de aprofundar o tema de nosso apostolado.

O Definitório Geral, pondo em execução o desejo do Capítulo Geral, quis precisar o sentido do conteúdo desse propósito, e assim, com o título "A nossa presença profética no mundo: vida e atividade apostólica", recordou-nos a inseparável "unidade" entre a vida e a ação, e que elas devem dar-nos uma visão "profética", com sincero empenho de vida e com grande abertura para o futuro.

Toda a Ordem foi consultada por mais de dois anos e uma comissão preparou este CPO elaborando as respostas chegadas e apresentando pistas de reflexão e instrumentos de trabalho.

Temos que agradecer com carinho fraterno, a todos os irmãos da Ordem pela riqueza das contribuições dadas ao trabalho do Conselho Plenário e à redação deste Documento.

Na celebração do CPO, os delegados perceberam logo, pelos dados provindos das Conferências e lidos na abertura dos trabalhos, que profundas transformações estão acontecendo, com matizes diferentes, em todas as fraternidades da Ordem. Transformações que nos interpelam fortemente, desafiam-nos e exigem respostas

Quem somos, na verdade? Qual a relação de nossa vida e de nossa atividade com este mundo que muda com tamanha rapidez? Como ir ao encontro do grito cada vez mais forte dos pobres, dos explorados, dos oprimidos? Essas e outras interrogações nos fizeram compreender rapidamente que a nossa vida não pode ficar nos trilhos em que corre atualmente; frequentemente é muito grande a disparidade entre o nosso modo de viver e este mundo de dor.

Percebemos, ao mesmo tempo e com grande evidência como a pluriformidade é um fato hoje na Ordem, não só no aspecto exterior, mas pela visão da vida e da nossa inserção no mundo.

Por isso o CPO, embora tendo começado com a idéia de enfrentar o tema do apostolado no mundo de hoje, percebeu a necessidade de discutir o significado global de toda a nossa vida. Por isso a temática do apostolado acabou envolvendo todos os valores de nosso carisma.

Isso poderá parecer uma simples continuação da impoção tradicional, insuficiente diante das mudanças que estão acontecendo, mas a dinâmica interna e o conteúdo de nossas reflexões nos remetia aos compromissos presentes e futuros de uma presença profética. Através de nosso itinerário metodológico - ver, julgar, agir - conseguimos repensar e reordenar os valores fundamentais de nossa vida, dando também novas orientações práticas para a sua efetivação.

Compreendemos ainda que a qualificação de "profética" que tínhamos dado à nossa vida não era uma bandeira a desfraldar, mas um ideal a ser encarnado, se quisermos continuar a ser "pedras vivas" na construção do Reino de Deus.

Nasceu assim também o desejo de que o Documento a apresentar a nossos irmãos fosse eminentemente pastoral, sem excessivas preocupações técnicas ou jurídicas.

Entendemos agora, que nosso futuro está ligado à capacidade que tivermos de nos converter e de tornar verdadeiramente "profética" a nossa presença no mundo.

O ambiente em que o CPO aconteceu ajudou-nos muito, tanto para nos darmos conta das grandes contradições da vida (como, por exemplo, pobreza que beira a morte, e grande riqueza), para compreender como são preciosos certos valores, oferecidos com simplicidade e amor. De fato, não só encontramos uma grande hospitalidade prodigalizada com um sorriso e uma perfeita organização, como podemos ver diversos confrades que já partilham a vida com os mais pobres e têm uma esperança viva, rezando e lutando com eles.

Este Documento quer ser também um instrumento para o trabalho subsequente de atualização profética de nossa vida e atividade apostólica no mundo.

Capítulo I°

A CONTEMPLAÇÃO EM NOSSA VIDA E ATIVIDADE APOSTÓLICA

1. A nossa presença no mundo e na Igreja exige como elemento fundamental a contemplação. Esta é como um itinerário de interiorização progressiva, um retorno ao "lugar do coração" que é o "lugar de Deus", uma intuição do absoluto que ilumina toda a realidade.

A contemplação é uma experiência essencialmente pessoal que provém do íntimo do ser humano, o qual se confronta com o mistério de Deus. Por isso toda linguagem se torna inadequada para exprimir sua inefável riqueza.

Colocados diante de nossa vocação profética e apostólica, sentimos o exigente chamado a esta dimensão contemplativa própria do nosso carisma franciscano: vivendo em intimidade com Deus e contemplando no homem a imagem do Filho, tomamo-nos apóstolos de Cristo.

2. Nossa Ordem celebrou em 1973, em Taizé, um CPO sobre a oração e elaborou um rico capítulo sobre o mesmo assunto nas Constituições. O V CPO deseja antes de tudo destacar alguns aspectos essenciais da contemplação para nossa vida e atividade.

A - OS NOVOS CONTEXTOS DA CONTEMPLAÇÃO

3. Constatamos no mundo de hoje que o desenvolvimento, em todas as suas direções, trouxe muitos benefícios para a humanidade: a elevação da cultura, relacionamentos interpessoais mais profundos, potenciação de nossas capacidades, comunicações mais fáceis, um nível melhor de vida, etc. Essa evolução contribuiu para desenvolver o nível afetivo, a capacidade intuitiva, um sentido crítico mais maduro e uma abertura mais consciente para a verdade. Os meios de comunicação alargaram os horizontes dos nossos conhecimentos contribuindo para uma visão mais global da vida.

Entretanto, vemos nesse desenvolvimento também perigos, como: relacionamentos interpessoais mais superficiais, a falta de espaços de silêncio, a incomunicabilidade, o fechamento na imanência, o perder-se em coisas materiais e no consumismo, e - em nível mais estrutural - a manipulação dos meios de comunicação por parte das forças políticas e econômicas que propõem pseudo-valores.

Mas descobrimos ao mesmo tempo que cresce no homem a necessidade do mistério e da transcendência. O sentido difuso da angústia e do desamparo gera uma busca de abandono total no mistério de Deus. Nasce daí uma experiência que é fruto principalmente da intuição e impele para uma união afetiva com Deus, vivida nos relacionamentos interpessoais e comunitários.

Muitos procuram outras formas de encontro com Deus: elementos espirituais e formas de oração do Oriente penetram no Ocidente.

4. Também na Igreja e na Ordem encontramos fenômenos negativos e positivos, que dizem respeito à contemplação.

A dissipação interior, que busca uma compensação no ativismo, compromete seriamente por um lado a experiência de Deus na oração e na escuta da Palavra, e por outro lado o diálogo

espiritual com os confrades. Nasce daí uma incapacidade "de ser orantes" e mais ainda de ser homens ... experimentados que iniciam e acompanham os outros na oração. As vezes não se sentem mais os métodos tradicionais como adaptados aos homens de hoje.

Assistimos com alegria o surgir de muitas formas novas, que procuram responder às exigências do homem pela Transcendência: oásis e centros de espiritualidade, novo eremitismo, abertura da vida contemplativa para os leigos.

Muitos frades estão redescobrando a experiência da contemplação como exigência vital, como um espaço espiritual que nutre a atividade e a vida fraterna. Centros de espiritualidade franciscana procuram combinar o aspecto contemplativo com o ativo.

Isso pode ser o prelúdio de uma nova primavera contemplativa na Ordem.

B - CARACTERÍSTICAS DA NOSSA CONTEMPLAÇÃO

5. A contemplação é, no homem, uma exigência inata, que se manifesta nas diversas e ricas tradições das grandes religiões. Suas características são:

- um modo de viver intuindo e experimentando o mistério de Deus e percebendo a unidade do Criador com a criação;
- uma visão e avaliação global das realidades que provenientes da experiência da presença de Deus em quem somos vivemos e nos movemos (Atos, 17,28);
- um caminho pessoal e comunitário que é regulamentado por leis da dinâmica humana e religiosa;
- um itinerário que conhece momentos sublimes, mas também estágios críticos como a aridez espiritual, a busca de compensações, a fuga da realidade, a busca do extraordinário, etc.;
- um processo que precisa de uma disciplina, de um método e de um acompanhamento seguro;
- a contemplação é um elemento essencial de toda experiência religiosa.

6. Na contemplação cristã, foram postos em evidência os seguintes aspectos essenciais:

- é um dom do Espírito que ora em nós com gemidos inenarráveis (Rom 8,26) na espera da revelação dos filhos de Deus (Rom 8,19) que nos faz repetir "Abbá-Pai" (Rom 8,15; Gal 4,6). O mesmo Espírito nos ilumina para reconhecer em cada pessoa que encontramos o "irmão", a "irmã";
- foi descrita como diálogo com a Santíssima Trindade que mora em nós; como adoração do Pai em espírito e verdade (Jo 4,23);
- é um modo de entrar na aliança pessoal e comunitária oferecida por Deus aos homens, para o cumprimento de seu projeto de amor que se realiza na Encarnação do Filho, que veio para que todos tenham a vida em plenitude (cf. Jo 10,10). Assim a contemplação nos torna capazes de lutar pela justiça e de aceitar as perseguições;
- a contemplação como vida de aliança com Deus se expressa e nutre através da escuta da Palavra, da celebração da Eucaristia e do amor para com os irmãos;
- é um dom de discernimento profético" pelo qual o contemplativo é capaz de ver a mão de Deus na história e de percebê-la por dentro da evolução à luz da Palavra revelada, e portanto

toma-se capaz de ser protagonista dessa mesma história segundo os desígnios de Deus;

- é uma experiência gradual da verdade que nos liberta das ilusões, sobretudo das falsas "verdades", como as pronunciadas pelas forças políticas e econômicas, que procuram transformar-nos para que sirvamos a suas finalidades.

7. A contemplação de São Francisco, inspiradora da nossa contemplação, caracteriza-se assim:

- São Francisco descobre o amor de Deus no Cristo pobre e crucificado de São Damião, no abraço do leproso, na Sagrada Escritura e na Eucaristia. Assim o amor a Cristo, pobre e crucificado, leva-o a amar os homens, sobretudo os mais pobres e sofredores. Portanto, Deus é visto e contemplado no interior das realidades humanas; nelas revela-se a sua transcendência;

- São Francisco descobriu o plano de Deus na contemplação e quis participar plenamente no amor de Cristo pelo homem, anunciando a boa nova da esperança e da paz através da conversão. Toda a sua atividade é nutrida por uma alta contemplação;

- São Francisco vive a mística do louvor de Deus em um contexto de imersão na criação. Para ele toda a criação canta a glória de Deus. Daí vem a força de sua mensagem e de uma fraternidade universal entre os homens e com toda a criação;

- São Francisco encontra Deus na contemplação através de uma via intuitiva e afetiva, retomada depois pela tradição capuchinha, para a qual orar é falar a Deus com o coração (Const. 53,6). Trata-se de um caminho acessível a todos. A primeira produção literária dos capuchinhos restringiu-se quase exclusivamente a tratados de oração contemplativa, como continuação da sua pregação evangélica popular.

8. A nossa contemplação franciscano-capuchinha será profética e corresponderá às exigências dos homens de hoje com a condição de:

- prosseguir a sã tradição capuchinha, com o enriquecimento criativo das novas formas que estão surgindo de diversas partes;

- que seja cultivada pessoal e comunitariamente e seja aberta ao diálogo com os irmãos e à contribuição das outras pessoas, porque esses relacionamentos interpessoais enriquecem a própria experiência;

- que seja baseada na consciência da nossa radical pobreza de criaturas humanas. Essa consciência é o primeiro passo de nossa ascensão para Deus: reconhecendo a própria miséria e necessidade, recorreremos ao mestre divino (cf. Boaventura, *Itinerarium mentis in Deum*; (Brev. p.4, cA);

- que seja humilde e simples, praticável por todos e capaz de transformar as alegrias e os sofrimentos da vida quotidiana na íntima união com Deus;

- que seja efetiva e espontânea, como expressão do coração que se dilata para Deus, para os irmãos e para toda a criação;

- que seja capaz de levar-nos a uma pobreza real e à inserção entre os pobres;

- que seja aberta aos pobres e aos crucificados de nosso tempo, procurando aprender deles e ser solidário com eles;

- levar para a celebração eucarística os problemas atuais, como participação no mistério da morte e da ressurreição de Jesus, tendo presentes as raízes culturais dos diversos povos.

C - OPÇÕES PRÁTICAS

É necessário oferecer aos frades os meios práticos para favorecer o encontro com Deus em sua interioridade e nas realidades que os circundam. Por isso precisamos:

- por em prática uma formação permanente para a contemplação, aproveitando também os resultados das novas e sadias pesquisas psicológicas;
- preparar formadores e guias espirituais;
- organizar a vida pessoal e comunitária de modo que a dimensão

contemplativa seja promovida não só em determinadas horas, mas como compromisso fundamental de nossa existência;

- procurar e defender um local com tempos e espaços de silêncio.

10. Devemos redescobrir formas tradicionais válidas do itinerário contemplativo, renovadas com uma consciência e numa dimensão de solidariedade social (jejuns, vigílias, peregrinações, etc).

11. Devemos promover as casas de oração e os eremitérios para animar a nossa vida contemplativa (Const. 56,1) e para ajudar os que se encaminham a uma contemplação adaptada às diversas condições.

12. É preciso cultivar a acolhida em nossas comunidades, que sejam abertas a quem quiser participar, individualmente ou em grupo, da vida dos frades e orientar-se na espiritualidade franciscana.

13. É bom promover, especialmente nas grandes cidades e também em colaboração com outros religiosos e religiosas, centros de contemplação e lugares de encontro humano e religioso.

14. Para favorecer a vida de contemplação na Ordem é útil organizar encontros em que os frades de diversas culturas possam comunicar suas experiências e ajudar-se a avançar neste difícil caminho.

Capítulo II°

O DOM E O COMPROMISSO DA FRATERNIDADE

15. Na procura em base mundial de uma comunidade mais integrada e no esforço particular por nossa parte de testemunhar a fraternidade, descobrimos sempre três elementos relacionados entre si: a fundamental dignidade de todas as pessoas realizada na liberdade, sua fundamental igualdade e a necessária solidariedade entre elas

Em todas essas dimensões reconhecemos um dom de Deus que nos compromete a criar uma só família. Nossa fraternidade é chamada a testemunhar essa tendência universal e a facilitar sua expressão. Esse dom e esse compromisso para nós ficaram fortemente destacados quando os capitulares de 1968 deram ao tema "Fraternidade" especial importância como valor fundamental no Cap. VI de nossas Constituições.

A – DIGNIDADE, IGUALDADE, SOLIDARIEDADE NO CONTEXTO ATUAL

16. As relações humanas e sociais estão baseadas na inviolável dignidade de cada pessoa, realizada na liberdade. Todas as instituições e a própria ordem social devem basear-se nesse princípio. Por conseguinte, as pessoas devem ser colocadas acima das estruturas.

Apesar disso encontramos-nos diante de divisões, manipulações e exploração, tudo sob a bandeira da liberdade. E freqüentemente são violados os direitos civis, políticos e religiosos.

Elementos dessas tendências podem ser encontrados também na Igreja e na Ordem. Mas existe um esforço claro de criar estruturas que sejam fundadas no primado da pessoa e que o garantam. Dada a individualidade de cada pessoa e a singularidade de cada fraternidade, a pluriformidade é reconhecida e defendida como valor em si mesmo por parte da Ordem.

17. Considerada a inviolável dignidade do homem e da mulher como imagens de Deus (Gn 1, 26-28), todas as pessoas são iguais e devem ser tratadas com dignidade. Um sinal do esforço para realizar esse direito universal se manifesta nos movimentos que trabalham pela igualdade política e religiosa entre as raças e entre os homens e as mulheres.

Mesmo na Igreja notamos o esforço de inserir os marginalizados e os leigos em sua vida e atividade. Esse fenômeno universal influi também sobre nossa Ordem. Nela foi reconhecida de maneira clara a igualdade de todos os frades, com base na vocação comum (Const. 84,3,5; 115,6).

Apesar desses movimentos pela igualdade, encontramos discriminações quase por toda a parte. Sexismo, racismo, classismo exclusão das pessoas idosas ("ageism") minam a comunidade. Tribalismo e castas ainda dividem a sociedade. No âmbito das nações, como nas relações internacionais, os ricos e poderosos crescem em detrimento dos pobres e dos oprimidos. Nesse processo os direitos econômicos, sociais e culturais são muitas vezes violados. Como a Igreja e a Ordem são parte desse mundo deve vigiar continuamente as tendências para essas formas de discriminação.

18. A existência de instituições e movimentos em base regional, continental e internacional testemunham um progresso histórico que caminha para uma solidariedade global. O rápido desenvolvimento da tecnologia e das comunicações, os progressos no campo da eletrônica e dos computadores iniciativas no campo dos transportes e as pesquisas espaciais ajudam a

fazer do mundo uma aldeia global. A movimentação do comércio e da política, os intercâmbios culturais e os encontros esportivos oferecem outras possibilidades de promover laços de solidariedade. Esse fenômeno da solidariedade está presente também nos povos em desenvolvimento.

Apesar disso, o egoísmo pessoal e comunitário ameaçam continuamente tornar vãos os esforços para criar comunidade. Frequentemente se encontram o etnocentrismo, o nacionalismo e o fanatismo religioso. A violência, o terrorismo e a corrida armamentista crescem de modo acelerado. A riqueza do Norte aumenta enquanto crescem as dívidas do Sul.

Grande parte do desmoronamento da solidariedade deve ser atribuído a um falso conceito de auto-realização e ao individualismo.

Como o individualismo está rompendo a unidade da família, também em nossa Ordem e em nossas fraternidades ameaça abalar o nosso valor fundamental na fraternidade. Apesar da afirmação de que a vida evangélica, vivida em fraternidade, é o nosso principal apostolado, na realidade são as atividades apostólicas individuais que condicionam a vida fraterna. Por causa dessas formas de individualismo os nossos laços de fraternidade talvez estejam mais fracos do que no passado.

Ainda que a tensão entre as finalidades de uma comunidade e o desenvolvimento da personalidade exista sempre, a atual situação do mundo, da Igreja e da Ordem requerem uma resposta imediata ao individualismo.

B - DO INDIVIDUALISMO AO TESTEMUNHO PROFÉTICO DA FRATERNIDADE

19. As causas do individualismo não podem ser isoladas a ponto de podermos indicar esta, ou aquela causa, esta ou aquela pessoa. Nosso individualismo reflete o da sociedade, tanto no Leste como no Oeste, no Norte como no Sul. Apesar dos slogans sobre a liberdade, a igualdade e a luta pela solidariedade, existem forças que desenvolvem formas sutis de coletivização através da instrumentalização política (controle do partido sobre os meios de comunicação) e a instrumentalização econômica (predomínio dos poderosos da economia por meio da propaganda comercial). O resultado de tudo isso é uma crescente exaltação do individualismo. Além disso, a burocratização é aplicada de modo a contribuir para o aumento do individualismo.

Tudo isso teve seus efeitos também em nossas fraternidades. Enquanto nas diversas províncias existem exemplos que dão esperança, muito frequentemente podemos constatar na Ordem uma espécie de minimalismo no que diz respeito à oração comunitária e ao tempo passado ao redor da mesa comum. E quando os frades vão de fato à recreação comum, quem domina é a televisão. A conseqüência é a erosão dos laços de fraternidade entre nós, a tendência a dar prioridade a comunidades fora da fraternidade e, mais uma vez, um crescente individualismo.

20. Como podemos compreender pelo Cap. VI da Constituição e pelos Conselhos Plenários I de Quito e IV de Roma, a Ordem deu grandes passos, para garantir a dignidade de toda pessoa. Redescobrimo o carisma de São Francisco, reafirmou sua visão de uma fraternidade de iguais, baseada na mesma vocação (Const. 83,3). Não poderemos dar ao mundo um verdadeiro testemunho de fraternidade e de solidariedade se não enfrentarmos nosso individualismo.

21. O critério fundamental da fraternidade não está apenas no centro de nossos documentos,

está no centro de nossa fé, como nos ensina Jesus em sua oração ao Pai: "Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim: a fim de que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti; que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17,19-21).

Além disso, o ensino da Igreja convida-nos continuamente a construir a "civilização do amor". O Documento Conciliar sobre a "Igreja no mundo contemporâneo" afirma: "Deus... quis que todos os homens formassem uma só família e se tratassem mutuamente com espírito fraterno" (nº 24). "Primogênito entre muitos irmãos... pelo dom do seu Espírito" - continua o Concílio - Jesus "instituiu... uma nova comunidade fraterna entre todos aqueles que o recebem com fé e amor... Esta solidariedade deverá crescer sempre até o dia da sua consumação" (nº 32).

Nossas Constituições lembram que "por divina inspiração Francisco fundou uma nova forma de vida evangélica que chamou de fraternidade" (p. 83,5), baseada em irmãos que vivem juntos na caridade. Fiéis a nossa vocação, devemos construir uma verdadeira comunhão fraterna e cooperar assim para a promoção de uma família autenticamente humana na Igreja e no mundo.

Por isso acreditamos que o testemunho profético da fraternidade vivida está no coração de nossa evangelização. Acima de tudo, é um serviço de "Paz e Bem", no sinal da confiança e da esperança.

A realidade do mundo, a Igreja e a Ordem recordam-nos o plano de Deus, que nos impulsiona a sermos profeticamente coerentes com o dom e o compromisso da fraternidade que nos qualifica como franciscanos.

22. Neste sentido, a força profética da nossa presença e atividade no meio do mundo e do Povo de Deus deve tirar a inspiração do exemplo de Francisco que "amando Deus e todas as pessoas, e mesmo todas as criaturas, é o irmão e amigo universal" (Const. 169,2).

C - ORIENTAÇÕES PRÁTICAS

23. Conscientes de que temos que passar da teoria para ações concretas, insistimos em que toda a nossa formação deve comportar um processo contínuo, tanto pessoal como comunitário; de conscientização e de conversão, para promover uma maior fraternidade entre nós e com todos.

Em concreto destacamos os seguintes momentos-chave da vida fraterna cotidiana:

a) a oração da fraternidade (Eucaristia, liturgia das Horas e outras formas) vivendo-a de maneira criativa, espontânea verdadeiramente participada e realista;

b) a vida de fraternidade, pondo-a em prática como uma verdadeira comunhão de vida, que deve expressar-se na confiança e no perdão, na compreensão, na estima e no amor mútuo, na disponibilidade e na partilha de tudo que somos e temos, com um cuidado especial pelos irmãos doentes ou em dificuldade;

c) o trabalho em todas as suas formas deve ser a expressão de toda a fraternidade (Const. 76,2; 145,6). Deve expressar-se principalmente na ajuda mútua, conforme os dons de cada um, mesmo nos serviços que devem ser prestados quotidianamente em nossas casas (Const. 84,6).

Para animar a nossa vida fraterna insistimos como instrumento fundamental, no diálogo em todas as suas modalidades, especialmente nos encontros de fraternidades (capítulos locais);

estes deveriam ser frequentes e bem planejados, incluindo o uso da dinâmica de grupo. Como fazem diversos grupos e movimentos eclesiais, esforcemo-nos também nós por confrontar a vida diária com a Sagrada Escritura.

24. A fim de que, iluminados pelo Evangelho, possamos superar as divisões, a alienação e o individualismo em nossas fraternidades, sugerimos que se adote o método proposto à sua Igreja por São Mateus (18, 1-20), em situações semelhantes. Isso comporta; que nos esforcemos por vencer as divisões existentes (18,1-9), que nos estimemos mutuamente na base da dignidade de cada um (18,10-14), e pratiquemos a correção fraterna que nos convida à conversão (18,15-16). Com esses laços de solidariedade, promovidos mediante a estima e a correção, seremos mais unidos e a nossa oração será mais eficaz (18,19-20).

25. Confiamos que, com o impulso deste CPO, vamos ser capazes de revitalizar a oração em nossas fraternidades e as formas do nosso apostolado, superando assim o nosso individualismo. Com essa finalidade propomos os seguintes pontos para uma revisão de nossa vida:

a) examinemos como o individualismo se manifesta em nossas fraternidades, reconhecendo os seus efeitos destruidores e admitindo também que, com a graça de Deus, ele pode ser superado;

b) empenhemo-nos em causas comuns que desenvolvem melhor a solidariedade entre nós, especialmente no modo de responder ao grito dos pobres (ET 18). Recomendamos particularmente:

1) que haja fraternidades de presença entre os pobres, como previsto pelo CPO de Quito;

2) que os que já estão comprometidos com os pobres reflitam sobre o modo de aprofundar sua solidariedade com eles. Os que trabalham em outros apostolados façam experiências frequentes de inserção entre os pobres;

3) que os que não estão tão empenhados por causa de doença ou por outras razões, usem seus talentos, orações e sofrimentos em favor dos pobres e pela promoção da justiça e que nossa oração expresse essa sensibilidade;

4) que rejeitemos qualquer forma de "compromisso com qualquer tipo de injustiça social" em nosso estilo de vida, comum e pessoal, nos bens que usamos e no relacionamento com os leigos que trabalham conosco, "despertando as consciências para o drama da miséria e para as exigências em favor da justiça social feitas pelo Evangelho e pela Igreja" (ET 18).

26. Chamamos a atenção especialmente para o tema das estruturas, que devem ser aptas para promover a vida fraterna. Em primeiro lugar, levemos em conta a condição de cada frade na constituição das fraternidades e na distribuição dos trabalhos (Const. 88,2; 144,6); organizemos nossa vida mediante formas de governo que favoreçam a obediência caritativa mútua, ativa e responsável, a subsidiariedade e corresponsabilidade, o amadurecimento dos indivíduos e das fraternidades (Const. 23,3ss; 30,3; 37,3; 50,4; 142,2ss; 157,3ss; 162; 164,28s). E finalmente estejamos atentos a que nossas casas favoreçam a vida fraterna (Const. 68,3).

27. Potenciemos a corresponsabilidade e a solidariedade fraterna para que sejam superadas as atitudes de isolamento e de provincialismo. Em função disso, promovamos os diversos organismos de animação e colaboração no campo da formação, do apostolado, da cultura e das publicações, etc. a nível de Ordem, de continentes, de nações e de regiões. Devemos prestar uma atenção especial na animação das Conferências e no cultivo do sentimento de fraternidade através da partilha de bens, promovendo o amor fraterno entre as Províncias e

entre as fraternidades da mesma Província. Igualmente, tendo conta de nosso espírito de pobreza e de itinerância, devemos evitar que uma longa permanência no mesmo lugar condicione a vida fraterna.

28. Para realizar em plenitude a nossa vocação de irmãos, com todas as pessoas e com todas as criaturas, sugerimos:

- a) abrir nossas fraternidades aos que desejam partilhar oportunamente nossa vida de oração, de convivência, de reflexão e de trabalho (Const. 68,2; 50,3; 57,1ss);
- b) promover o espírito de acolhida e de solidariedade com todos, especialmente com os necessitados, oferecendo hospitalidade e pondo à disposição nossos prédios e nossos bens;
- c) dar sempre o primeiro lugar a nossa mensagem de fraternidade e de "espírito comunitário a todos os nossos encontros e serviços às pessoas, favorecendo sobretudo a estima, a compreensão e o diálogo fraterno com todos (Const. 97ss);
- d) levar nossa vida fraterna preferentemente junto aos necessitados, aos marginalizados e oprimidos, unindo nossos esforços aos movimentos de voluntariado e a todas as iniciativas de associação, de unidade e de solidariedade entre os povos (Const. 12,3; 99,3);
- e) ser sensíveis às exigências das Igrejas particulares em que trabalhamos, criando um clima de generosa solidariedade e disponibilidade de nossas pessoas e de nossas casas;
- f) favorecer os esforços de integração fraterna com toda a família franciscana e particularmente com a OFS, para viver e oferecer uma mensagem de fraternidade entre nós e com o mundo (Const. 11,3; 95; 152,2);
- g) cultivar o senso da fraternidade universal com toda a criação, promovendo o respeito da natureza e o senso religioso da criação (Const. 11,1ss; 46,7; 97,1).

Capítulo III°

A NOSSA VIDA DE POBREZA E MINORIDADE ENTRE OS POBRES

29. A nossa vocação de capuchinhos, segundo a vida e a regra de São Francisco, comporta uma condição existencial de pobres e, como tal, é por si mesma testemunho e sinal profético. Por isso, voltemo-nos preferencialmente para os pobres, necessitados e sofredores de qualquer condição, em espírito de participação e partilha, no estilo da minoridade própria da Ordem. Aqui só podemos destacar alguns aspectos da Pobreza, remetendo quanto ao resto às Constituições e aos CPOs precedentes. Os aspectos que nos parecem mais atuais no mundo de hoje referem-se essencialmente ao estilo de vida e ao compromisso pastoral.

A - EXAME DA SITUAÇÃO ATUAL

30. Muitos hoje não conseguem satisfazer as necessidades primárias materiais, culturais, sociais e espirituais. O fenômeno é o resultado de causas que muitas vezes estão fora do controle da vontade humana, mas que também são, certamente, fruto do egoísmo dos indivíduos, das nações, dos blocos políticos, militares e econômicos, que criam estruturas de opressão e de permanente injustiça nesse contexto "os pequenos" porque não têm nem haveres, nem saberes, nem poderes, são frequentemente condenados a calar e a ser vítimas de uma história decidida pelos outros.

Muitas pessoas padecem outras carências vitais, estão insatisfeitas pela falta de instrução, de integração social e do sentido da vida, e sofrem por não se sentirem compreendidas em sua solidão, em seus sofrimentos e conflitos interiores.

31. Como sociedade, também a Igreja está marcada pela divisão entre pessoas, entre ricas e igrejas. Há problemas que ainda não tiveram um estudo adequado e uma suficiente atenção pastoral. Na Igreja encontramos também grupos que ainda não têm possibilidade evidente de participar e de decidir adequadamente, por exemplo os leigos e de modo especial as mulheres.

32. Uma mentalidade consumista influencia negativamente nossa vida e nossa atividade. Dispomos de meios consistentes (construções, recursos, instrumentos de trabalho, etc.). Às vezes os destinatários de nossa presença não são preferencialmente os mais pobres, os mais necessitados, os mais sofredores, e estamos a serviço de instituições que muitas vezes trabalham sobretudo em favor das classes abastadas.

33. Mas também encontramos aspectos positivos na sociedade, na Igreja e na Ordem. Na sociedade, através da pesquisa científica e dos meios de comunicação, cresce uma consciência mais viva dos problemas e buscam-se novos meios de resolvê-los, com uma organização solidária em nível internacional.

Na Igreja está mais vivo o sentido de comunidade, de participação e de serviço. Por isso está mais forte a consciência de um escândalo de uma miséria crescente e há uma luta mais concreta para vencê-la, com um empenho às vezes voluntário dos leigos, pelo melhoramento das estruturas e da situação em geral.

Na Ordem uma consciência maior faz com que alguns frades tenham optado por viver entre os pobres, os necessitados e os sofredores e levou a Ordem a aceitar novos ministérios em áreas

pobres e entre minorias. Dessa maneira está sendo revigorada a tradição de nossa Ordem quanto à sensibilidade para com os pobres e os necessitados. Cresceu o sentimento de solidariedade também com o intercâmbio de pessoas e de bens entre as províncias.

B - Características de nossa pobreza-minoridade

34. O fato de que muitos seres humanos vivam em pobreza extrema e em condições de injusta dependência é contra a dignidade e os direitos fundamentais da pessoa humana e dos povos, e nos obriga a colaborar para a construção de uma sociedade justa e solidária.

35. Cresceu entre os homens a convicção de que o mundo é um sistema complexo, em que tudo tem que ver com tudo, mas justamente por isso é um sistema aberto. A Sagrada Escritura ensina que Deus criou o mundo para todos e que confiou aos homens a tarefa de construir, como antecipação profética do mundo futuro, uma sociedade justa e fraterna, em que todos se reconheçam filhos do mesmo Pai e servidores uns dos outros (Gal 5,13).

Na encarnação, escolhendo o caminho do amor, Jesus Cristo colocou-se dentro da situação pobre dos homens, como um deles, por uma opção libertadora, não parcial, mas integral. Reconhecemos nele, morto na cruz, o homem pobre, que amou mais do que todos, perdoadando, e reconciliou a humanidade. Animados por sua ressurreição, reforcemos a nossa esperança na construção de uma nova sociedade.

36. A contemplação de Jesus Cristo pobre e crucificado, testemunha do amor do Pai por todos os homens, permitiu a Francisco reconhecer, amar e servir o Cristo pobre e crucificado também nos homens, seus membros, especialmente naqueles que são os mais pobres e sofredores.

O amor por Jesus Crucificado nos empenha a ser, por meio da austeridade de nossa vida e da partilha dos nossos recursos materiais e humanos, solidários com seus membros sofredores, vivendo com eles a reciprocidade de um amor atento e ativo. É aqui que se encontra para nós o caminho privilegiado que com São Francisco e a nossa tradição capuchinha nos leva a encontrar Cristo pobre e crucificado, o "Servo sofredor".

Por vocação somos chamados, escolhendo o último lugar, a encontrar Jesus Cristo no esvaziamento solidário da sua Encarnação (Kénosis) e da sua Paixão. Essa opção minorítica permitir-nos-á estar próximos de todos fraterna e alegremente.

C - Algumas pistas práticas

37. Convencidos de que a pobreza evangélica é um dom de Deus, um valor e uma bem-aventurança, enquanto trabalhamos para que os homens tenham uma vida digna de filhos de Deus, apresentamos com a nossa vida na alegria e com a nossa pregação o valor evangélico da pobreza aos ricos e aos pobres.

Essa pobreza exige de nós plena entrega aos outros de nossa capacidade, de nosso tempo e de nossos bens.

38. À luz das Constituições (nº 60,6) e do I CPO (nn 46ss), é preciso fazer antes de tudo uma corajosa revisão de vida, a nível de indivíduo e de fraternidade, sobre o uso de nossos bens,

sobre a austeridade e a minoridade de nossa vida e sobre a orientação preferencial da nossa atividade.

39. Nossa opção voluntária de pobreza radical (cf. Const. nº 43), exige a entrega de nossas coisas não necessárias em favor dos indigentes.

Para uma ação concreta, toda fraternidade provincial ou local, em espírito de partilha e solidariedade, estabeleça uma porcentagem das entradas a ser devolvida aos pobres.

Nossa pobreza comporta também a participação de todos nos serviços e trabalhos da fraternidade, também para evitar, quando possível, o emprego de pessoas de fora.

40. Para o cumprimento das Constituições (60,6) sejam favorecidas de modo eficaz as fraternidades de inserção entre os pobres e os marginalizados.

Na forma inicial, por coerência com o nosso estilo de vida que deve ser próximo aos pobres e aos necessitados, favoreça-se um tempo de experiência entre eles. Seja facilitada também uma preparação específica de alguns religiosos para o trabalho no meio deles.

Em nossa atividade, devemos preferir o serviço a favor das classes pobres, necessitadas e populares. Estimulemos a participação dos frades e das fraternidades nos organismos de voluntariado e favoreçamos o trabalho gratuito e com horário integral nos grupos mais marginalizados.

Apoiemos os irmãos que trabalham mesmo gratuitamente entre os mais afastados de Jesus Cristo.

Capítulo IV°

NOSSA ATIVIDADE APOSTÓLICA

41. A evangelização é um fato fundamental para a vida e a atividade da Ordem. Tem seu ponto de partida no amor de Deus pelos homens, que culmina na pessoa de Jesus Cristo, encarnado pela nossa Salvação. A sua vida inteira, do primeiro momento da existência até a morte e ressurreição, é parte integrante de sua atividade evangelizadora (cf. EN 6). Jesus enviou depois seu Santo Espírito para continuar sua obra de evangelização. Modelo incomparável da evangelização para nós é Jesus Cristo.

Nós somos parte da Igreja que, modelada pelo Espírito e iluminada por Cristo, caminha com todos os homens. Em todas as transformações culturais procuramos compreender o significado da história que está evoluindo para uma nova humanidade.

O evangelizador vive a mensagem antes de proclamá-la aos outros. Como todos vivemos em situações diferentes, coloquemo-nos diante dos outros em atitude humilde, prontos a escutar e a receber, a avaliar e a assimilar os fatos positivos de toda cultura.

Francisco, fiel seguidor de Cristo, viveu plenamente o Evangelho, foi sensível às situações das pessoas, apresentou o amor e a misericórdia de Deus e por isso torna-se o inspirador do nosso modo de evangelizar.

A - A EVANGELIZAÇÃO EM UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

42. Durante os últimos vinte anos o mundo, a Igreja e a Ordem sofreram modificações profundas. Essas vastas mudanças tiveram um influxo profundo também sobre a Ordem.

As mudanças culturais alteram também as formas que o homem usa para exprimir sua experiência de Deus e seus valores religiosos. O povo sente necessidade do Transcendente. Até há pouco tempo, essa necessidade era expressa em formas institucionais e tradicionais. O que o povo expressa agora através do materialismo, do ateísmo, do indiferentismo, do secularismo, do relativismo e do ceticismo é um desafio constante à Igreja e à Ordem para encontrar novas expressões dessa necessidade no Transcendente.

Alguns ministérios tradicionais da Ordem foram muito reduzidos em seu alcance: confissões, devoções, pregações, missões populares, pedidos de esmolas, etc. Em muitas Províncias numerosos frades se dispersaram em uma multidão de ministérios individuais, ameaçando enfraquecer a presença profética da Província como tal.

43. O apostolado na Igreja está em rápido desenvolvimento com profundas conseqüências para a Ordem:

- a) a notável diminuição do número de sacerdotes diocesanos levou a Ordem a aceitar serviços pastorais sem uma referência autêntica a seu carisma fundamental;
- b) o aumento do número de ministros leigos, muitas vezes profissionalmente preparados, enriqueceu nosso apostolado. Entretanto, em alguns lugares, os frades não estavam preparados para esse impacto e tiveram medo de colaborar com eles.
- c) na Ordem, o aumento dos frades que não desejam nem abraçar o estado clerical nem

exercer os ministérios tradicionais dos irmãos não clérigos enriqueceu e mudou o nosso apostolado. Todavia esses frades nem sempre encontraram entre nós um modo de fazer apostolado estimulante e satisfatório;

d) alguns frades clérigos não desejam exercer os apostolados tradicionais da Ordem;

e) o papel e a responsabilidade das mulheres na sociedade teve uma mudança revolucionária. Seu crescido empenho nos ministérios da Igreja muitas vezes é visto com temor pelos frades.

44. Como resultado das transformações culturais, como a secularização, houve uma mudança na consciência religiosa do povo e um aumento do apreço pelos valores humanos. Por isso:

a) em muitos lugares as devoções religiosas populares, tão importantes no passado para o apostolado dos frades, têm agora pouco significado para o sentimento religioso do povo;

b) as seitas religiosas evangélicas de conteúdo fundamentalista procuram satisfazer a necessidade de uma experiência pessoal de Deus por parte do povo. O forte sentido de identidade dessas seitas corresponde à necessidade de relações interpessoais. Em geral elas têm mais capacidade de apelo à religiosidade do povo do que os nossos modos tradicionais de fazer apostolado.

c) o espírito ecumênico do Concílio Vaticano II teve como resultado um novo e positivo diálogo com as outras Igrejas cristãs e um novo apreço das outras grandes religiões da humanidade. Isso exerceu um influxo profundo sobre o estilo missionário da Ordem.

45. A pobreza e a opressão provocaram uma nova exigência de justiça em todos os níveis. A Igreja afirmou que a ação em favor da justiça é um elemento essencial da vida e atividade evangélicas. O fato de devermos pregar a boa nova aos pobres por uma ordem social mais justa coloca em discussão métodos passados de formação e mentalidades presentes. Notemos que:

a) a Ordem tem numerosas obras de caridade para a assistência aos necessitados, programas para providenciar comida, abrigo, roupas, etc. A maior parte dessas obras têm a finalidade de assistir a situações de emergência. Mas muitas vezes não vou ao encontro daqueles que estão fechados em estruturas de pobreza;

b) O apelo para mostrar a justiça como elemento constitutivo do Evangelho é difícil de ser pregado, especialmente para os que têm poder e riquezas;

c) em muitas partes do mundo os frades são obrigados a viver e a exercer seu apostolado em situações de crise permanente: guerra, regimes opressores, guerrilha, terrorismo, carestias, epidemias, etc.

B - JUÍZO E AVALIAÇÃO

46. A imagem tradicional da Ordem capuchinha mudou muito. Na Ordem nem sempre houve plena consciência dessa mudança na vida e na atividade. Por isso, nem todas as tentativas de adaptação à nova realidade tiveram sucesso. Entretanto, praticamente em todas as áreas, está emergindo uma nova figura da Ordem. Alguns valores profundos, cristãos e franciscanos, estão ajudando a criar essa nova fisionomia.

47. O ministério de Jesus foi uma proclamação urgente do Reino de Deus, uma força potente que mudou a existência de muitos e trouxe esperança: "Cumpriu-se o tempo! O Reino de Deus)

chegou! Converti-vos e crede no Evangelho!" (Mc 1,15). Muitos movimentos de renovação e de reforma na Igreja buscaram sua força em uma renovada fé na Palavra de Deus. A revitalização da nossa presença apostólica no mundo deriva da mesma necessidade profunda que São Francisco sentiu quando exclamou: "E isso que eu desejo, é isso que eu procuro, é isso que eu quero fazer .de todo coração" (ICel 22). O Evangelho é para nós não só um conjunto de valores para viver e pregar mas a forma autêntica e o conteúdo de nossa vida e de nosso apostolado.

48. Aceitamos a realidade e o dinamismo dos tempos como sinal da presença de Deus, certos de que o Espírito Santo nos guiará e levará a compreender e interpretar o significado íntimo da história. Esse é o ponto de partida para a nossa proclamação do Evangelho de Jesus Cristo.

Assumamos como nossos os sofrimentos e as aspirações da humanidade que procura crescer para a libertação completa. Apresentemos o grito dos pobres ao Pai e partilhemos de fato a sua sorte com eles (cf. Const. 46,3).

Na Regra não Bulada, Francisco nos convida a começar a nossa proclamação do Reino de Deus vivendo em paz no meio de todas as culturas e de todos os povos: " ... abstenham-se de rixas e disputas, submetendo-se. a toda a criatura por amor de Deus" (Rnb XVI).

Por isso procuremos entrar em respeitoso diálogo e descobrir os valores comuns a todas as culturas(bondade, verdade, liberdade e beleza), porque eles revelam a presença de Deus e são a base da unidade.

49. Como irmão entre seus irmãos e irmãs, todo frade é chamado a partilhar os dons que Deus lhe deu para ajudar os outros a viverem sua vocação cristã e a construir uma fraternidade universal, para "...levar, com estilo evangélico, a uma pacífica e estável convivência aqueles que estão divididos pelo ódio, pela inveja e pelas lutas de ideologias, de classes, de raça e de nacionalidades" (Const. 99,2). A promoção da dignidade e dos direitos dos pobres é parte integrante da nossa missão evangélica. Nós expressamos nossa vocação à minoridade mais partilhando o caminho humano do serviço aos outros, do que governando-os de posições de prestígio.

50. Somos fiéis à Igreja de Cristo que está construindo uma nova humanidade caminhando com todos os homens de boa vontade. Seguir nosso carisma franciscano e capuchinho é parte essencial de nossa fidelidade à Igreja. Segundo o espírito do Testamento de Francisco nós devemos estar sempre atentos às necessidades da Igreja local. Partilhamos seus sofrimentos e suas esperanças no desenvolvimento de novas formas e estruturas.

51. Francisco descreve no Testamento sua vida de fé como um processo de conversão contínua. O advento do Reino de Deus requer do mesmo modo por parte de todos os frades e de todas as fraternidades uma conversão radical. Essa conversão requer uma profunda reavaliação do significado de nossa vocação religiosa e do papel das fraternidades religiosas no mundo contemporâneo. Isso nos chama a um exame dos nossos critérios de julgamento, das nossas idéias e dos nossos valores-guia à luz do Evangelho. Leva-nos a abrir os olhos para a ação do Espírito no mundo. Requer que aprendamos a escutar. Precisamos confessar que às vezes estamos mais prontos a pregar ao mundo e a nossos irmãos e irmãs do que a escutar com reverência o Espírito que fala neles. Tudo isto nos obriga a reexaminar os nossos projetos e as nossas prioridades à luz daquela "verdadeira e caritativa obediência" que Francisco descreve em suas Admoestações (cf Adm. III).

C - CONVITE A AÇÃO E OPÇÕES PRÁTICAS

52. Em consequência do que dissemos, recomendamos de modo particularmente forte que todas as províncias e circunscrições da Ordem formulem um plano pastoral, no qual se enuncie com clareza a nossa nova presença apostólica DO mundo. Recomendamos que a formulação desse plano comprometa todos os frades e que compreenda todos os nossos ministérios, tanto individuais como comunitários. Essa nova visão do nosso papel no mundo deve dar a cada Província e Circunscrição a coragem de iniciar novas formas de atividade e de abandonar os apostolados e estruturas que não do mais testemunho de uma presença evangélica significativa.

53. Os ministérios de nossa Ordem (pregação, colaboração paroquial, capelarias, sacramento da reconciliação, etc.) devem ser revitalizados segundo os seguintes critérios:

- a) sensibilidade para os valores humanos;
- b) renovação apropriada requerida pela Igreja;
- c) valores-guia fundamentais da nossa Vida e atividade, especialmente a minoridade;
- d) plano pastoral da Província e da Igreja local.

54. Os movimentos e grupos eclesiais de base representam uma forte solicitação evangélica para a nossa Ordem:

- a) fazem parte do plano pastoral de muitas Igrejas;
- b) constituem uma nova forma de ser Igreja; ,
- c) são uma força poderosa para a evangelização;
- d) favorecem o surgimento de novas expressões religiosas baseadas na Sagrada Escritura, fortes relações interpessoais e o compromisso pela transformação da sociedade.

55. O grito dos pobres deve encontrar uma resposta ainda mais clara nos ministérios e nas atividades da Ordem:

- a) todos os frades devem ser conscientizados. sobre os direitos e a dignidade dos pobres;
- b) essa conscientização para a justiça é parte integrante de todos os nossos ministérios;
- c) como somos menores, conscientização de nossa ordem a respeito dos pobres inclui a vontade dos frades de caminhar com eles, partilhar sua vida, suas aspirações e suas lutas;
- d) reafirmamos a validade dos nossos múltiplos trabalhos pelos pobres e no meio dos pobres. Recomendamos uma atenção especial para as formas mais recentes de sofrimento humano: os desempregados, os operários emigrantes, os refugiados, as vítimas das drogas e de AIDS, os que vivem sozinhos, os velhos, etc.

56. Ressaltamos a importância de responder às necessidades religiosas do povo, procurando proporcionar uma animação espiritual adequada. A transformação dos comportamentos religiosos requer de nós:

- a) que nossas fraternidades vivam uma vida evangélica em que as pessoas possam acreditar;
- b) que permitamos ao povo participar de nossa vida espiritual;

que abramos nossas casas aos diversos grupos, como os grupos juvenis, tanto para a animação espiritual como para promover vocações à vida religiosa.

- d) que formemos guias espirituais capazes de responder à sede que o homem tem de Deus;

e) que haja confessores, convenientemente atualizados na teologia moral e pastoral e em psicologia, dispostos a servir ao povo;

f) que se constituam casas de oração, como querem as Constituições (56,1) e que nós colaboremos para constituir outros centros de espiritualidade.

57. A Ordem continua a privilegiar sua missão junto das Igrejas jovens:

a) procuramos descobrir os sinais da presença de Deus em todas as culturas;

b) estamos prontos a colaborar para a criação de Igrejas locais autônomas formando adequadamente os ministros aptos;

c) recomendamos que a Ordem aceite iniciar a presença franciscano-capuchinha nas áreas onde ainda não existe, especialmente na África e na Ásia oriental;

d) recomendamos que sejam incrementados os amais esforços missionários da Ordem e de criar estruturas aptas para uma cooperação mais ampla e interprovincial em favor de novas iniciativas missionárias;

e) a nossa presença nas nações que não permitem a explícita proclamação do Evangelho continua a ser válida, porque o "principal apostolado dos frades é este: viver a vida evangélica no mundo em sinceridade, simplicidade e alegria" (Const. 145,2).

58. Os "mass media" e os meios de comunicação são uma parte integrante da cultura de nosso tempo. Recomendamos que esses meios sejam usados responsabilmente para criar uma nova mentalidade religiosa. Isso requer:

a) que esses meios de comunicação sejam usados como instrumentos de evangelização;

b) que os frades aprendam a usar criticamente esses meios e ensinem o povo a fazer o mesmo;

c) que também os leigos sejam formados para levar a mensagem cristã a essa importantíssima área das comunicações.

59. A assistência espiritual da OFS deve ser tida como um compromisso necessário e privilegiado de família. Realizando nossa reciprocidade vital, reforçamos nossa presença e atividade apostólica e, ao mesmo tempo, nos enriquecemos com os dons de tantos irmãos e irmãs que vivem, na vocação específica de leigos, o mesmo carisma franciscano.

60. Coerentes com a nossa vocação franciscana e para corresponder melhor, como quer a Igreja, ao desafio da evangelização hoje, devemos dar a devida prioridade ao Apostolado Bíblico.

61. A pastoral da saúde e em favor dos anciãos exige uma opção renovada e uma nova qualificação, mesmo com curso de atualização. Damos especial importância à visita e assistência domiciliar aos doentes e aos idosos para levar-lhes auxílio espiritual e material. Promovemos também o voluntariado hospitalar e domiciliar junto de associações leigas.

62. Nas diversas áreas culturais da Ordem existem muitas outras atividades que respondem às necessidades do povo e da igreja: a promoção da cultura especialmente por livros e publicações, o apostolado das famílias, o apostolado dos jovens, etc. Nosso desejo urgente de proclamar o Evangelho de Jesus Cristo exige abertura constante e sensibilidade para todas as novas possibilidades na sociedade e na Igreja.

Capítulo V°

NOSSO ANÚNCIO DA JUSTIÇA DA PAZ E DO RESPEITO PELA NATUREZA

Seguindo Jesus nas pegadas de São Francisco, compreendemos de novo que, como irmãos, devemos expressar profeticamente pela nossa vida e pelas nossas obras os valores da justiça, da paz e do respeito pela natureza.

A harmonia dessas três realidades foi o projeto de Deus no dia da criação. Foi destruída pelo pecado. Agora, como irmãos, nós devemos colaborar para restaurar a harmonia original e preparar o advento do Reino de Deus sobre a terra, junto com todos os nossos irmãos e irmãs do mundo. Esse é o plano da Aliança inaugurado por Jesus.

64. A paz foi um dom confiado a Francisco e seus seguidores pelo próprio Senhor. Devemos proclamá-la pela nossa vida e as nossas ações. Deve ser solidamente fundamentada no amor e na verdade, mas não pode ser autenticamente evangélica se não incluir também a justiça. Como disse o Sínodo dos Bispos (1971); "trabalhar pela justiça e tomar parte na transformação do mundo parece-nos claramente a dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, isto é da missão da Igreja para a redenção do gênero humano e a libertação de todo estado opressivo de coisas".

65. Hoje, além disso, o universo inteiro: a água, o ar e a própria "Mãe Terra" estão ameaçados pela poluição e pela destruição vandálica.

O fato de que João Paulo II tenha declarado Francisco de Assis o santo padroeiro dos cultores da ecologia (29/11/1979) convida-nos a estender a toda a criação a sua maneira de amar na justiça e na paz.

A - ANÁLISE DA SITUAÇÃO ATUAL

I - SINAIS DE MORTE E DE VIDA NESTE MUNDO

66. O mundo em que devemos anunciar justiça, paz e respeito à natureza está ferido, é portador de um grito amargo e, ao mesmo tempo, é atravessado por um novo sopro de vida.

Muitos problemas, principalmente no campo da economia e da ecologia, são tão novos e complexos que até agora os especialistas não puderam encontrar soluções suficientes e satisfatórias. Por exemplo, não existem ainda modelos para resolver o conflito entre tecnologia e desocupação. Também as Igrejas cristãs propuseram pesquisas significativas: por exemplo, um plano para um novo sistema econômico mundial. Sem o conhecimento dessas pesquisas é impossível dar um juízo realista sobre os grandes problemas de hoje e sobre os responsáveis por essas situações.

a - Sinais de morte

67. Como no tempo de Moisés, podemos ouvir também hoje o grito desesperado de milhões de mulheres e homens, privados injustamente de seus direitos mais fundamentais. O ser humano

e o ambiente em que vive estão ameaçados de destruição. É a primeira vez depois da criação que o homem tem em suas mãos um poder tão grande sobre a terra, tanto para destruí-la como para torná-la mais habitável. E o próprio futuro de nosso planeta e da humanidade que está em jogo.

68. Desde a segunda guerra mundial a humanidade encontra-se em um estado crônico de guerra. Os dispositivos da guerra são cada vez mais numerosos, sofisticados e perigosos. As despesas alucinantes que são consagradas a isso desequilibram de tal maneira a economia mundial e aumentam a dívida dos povos, que impedem o auxílio aos países mais pobres e o seu desenvolvimento normal. Enquanto aumenta a militarização não se constata um empenho equivalente para resolver os problemas de milhões de pessoas que morrem de fome, de camponeses sem conta expulsos de suas terras, do aumento de crianças abandonadas e da destruição sistemática de povos em diversas partes do mundo.

69. Estamos experimentando a violência de maneiras concretas. Ao nosso redor são difundidas a violência física contra as pessoas e a propriedade, os crimes sexuais com estupro e maus tratos a mulheres e crianças. Existem violências institucionalizadas mais escondidas, como quando as companhias multinacionais se colocam fora do controle efetivo das nações na busca mundial de lucros e domínio dos mercados; quando o racismo continua sutilmente; quando a religião é politizada e fanatizada (por exemplo em algumas formas de islamismo "jihad-guerra santa"); quando se nega trabalho e possibilidade de viver por causa da cor da pele: ou, descaradamente quando a política e a ideologia justificam a própria existência com o apartheid. Tudo isso pode tomar-se um estilo de vida.

70. Será que também nós, por força dos meios de comunicação que nos bombardeiam com notícias de violência, ficamos insensíveis? diz-se que, para sobreviver, as vítimas de Hiroshima e Nagasaki criaram em poucas horas uma insensibilidade ao grito de dor ao seu redor. Com tantos gritos de pobres no nosso meio, os milhões de abortos que acontece todos os anos, a exploração das mulheres em tantas nações, as condições desumanas de trabalho, a negação global de várias formas de liberdade, o desemprego sistemático justificado em nome do crescimento econômico, acrescente disparidade entre ricos e pobres no interior das nações e nas relações entre nações, o terrorismo, a tortura, podemos perguntar se também nós não nos tomamos insensíveis, se também nós não criamos maneiras de negar a morte que nos circunda.

71. As novas tecnologias e os meios de comunicação, capazes de abrir nosso mundo para perspectivas impensadas, não são tantas vezes manipulados pelos que detêm o poder e que nem sempre estão interessados que cresça a justiça evangélica?

72. Há hoje graves preocupações pelas agressões ao equilíbrio ecológico na água dos rios e dos mares por causa das descargas contaminadas e dos resíduos nucleares; na atmosfera das zonas industriais por causa do gás das fábricas e do tráfego intenso; na natureza vegetal e animal por causa da exploração abusiva. Milhares de espécies animais e vegetais estão desaparecendo ou estão ameaçadas de morte. Vastas regiões da terra sofrem a erosão e os desertos avançam. A humanidade vê seu futuro ameaçado.

b - Sinais de vida

73. Encontramos hoje muitas pessoas que tomaram consciência dessas situações de morte e reagem.

Os grupos que dão apoio humano e econômico às mulheres que optam, com grande custo, por

não abortar: os grupos que, com grande risco, falam com força a sua sociedade, fazendo um apelo profético à conversão; os membros dos grupos de resistência que agem de maneira não violenta em favor da mudança social; os grupos de pessoas que vigiam os acordos internacionais para que as liberdades humanas não sejam violadas por regimes opressores; os diversos movimentos em favor da paz, que lançam apelos e agem com grande integridade.

Além dos grupos, temos os célebres mártires contemporâneos mortos por causa da defesa dos valores humanos, particularmente da paz: Mahatma Gandhi, Anne Frank, Martin Luter King, Maximiliano Kolbe, Dietrich Bonhoeffer, Oscar Romero, Titus Brandsma, etc. Além disso há os milhões de mártires silenciosos, que trabalharam com sua vida, testemunho e esforços para resistir às forças que agem em favor da morte e não da vida.

74. Nasceram novas associações em defesa do equilíbrio ecológico, dos parques naturais, das espécies animais, dos mares e dos rios, em defesa da pureza do ar nas zonas industrializadas e de intensa circulação de automóveis. São os novos "cruzados" da paz em defesa da natureza agredida.

II - A IGREJA: SOMBRAS E LUZES

75. Para a Igreja não é fácil, por causa da complexidade da vida moderna, oferecer hoje aos que buscam um mundo mais justo e um "porquê" de tantas coisas, um conjunto de respostas bem articuladas e realistas. A Igreja tem dificuldade para avaliar o que está em jogo e os desafios a que devemos responder hoje. Para ela, como para todos, é grande a tentação de se entregar ao fatalismo e se deixar levar pelo modo de proceder comum.

a - Sombras

76. A Igreja não escapa, como todas as instituições de longa história, ao risco de se fechar em seu passado, em seus hábitos, em suas cumplicidades... Talvez não se perguntou com energia suficiente o que Paulo VI propôs ao Sínodo de 1974: "Que foi feito hoje em dia dessa energia escondida na Boa Nova, capaz de ferir profundamente a consciência do homem?" (EN nº 4).

77. Será que também nós cristãos não nos sentimos mais tranquilos em uma espiritualidade "individualista" sem ligação com a vida real das pessoas e dos grupos, ausentes dos lugares onde precisamente se consuma a injustiça, ou mesmo cegos diante das injustiças que nós mesmos praticamos? Estamos mais seguros em um papel de direção e de ensino. Talvez seja verdade que como Igreja estamos pouco habituados a enfrentar a tensão desarmados, a escutar e se deixar instruir, a revelar aos nossos irmãos seus direitos e a assisti-los em sua promoção pessoal e coletiva. Nossas palavras tomaram-se certamente mais incisivas no plano da justiça, mas será que tivemos depois a coragem de passar para a ação como Igreja?

b) - Luzes

78. Houve um esforço na Igreja, sobretudo a partir do século XIX, para formar um conjunto de doutrina social que encorajasse os fiéis em seu empenho social. O Vaticano II e a reflexão que veio depois dele deram uma orientação decisiva para o homem. O Papa e os Bispos não cessam de remeter-nos a essa reflexão. Em muitos países a Igreja defende abertamente os direitos humanos diante de regimes de opressão e de abusos contra a ecologia. Muitas vezes é a única

que o faz.

Essa redescoberta mais clara do amor de Jesus pelo ser humano teve, em toda a parte um eco entusiasta e, podemos dizer, reabriu o nosso futuro. As bem-aventuranças da justiça e da paz parecem ser um dom especial do Espírito para o nosso tempo e especialmente para os jovens.

III - A NOSSA FRATERNIDADE CAPUCHINHA: SOMBRAS E LUZES

a - Sombras

79. Nós capuchinhos também não nos salvamos dessas limitações da Igreja. Frei Pascoal Rywalski, então Ministro Geral, dizia em seu relatório ao Capítulo Geral de 1982 que nós capuchinhos, em muitos pontos de nossa presença no mundo, estávamos mais atrasados que a Igreja Romana. Nós sofriamos de "insensibilidade psicológica" diante dos problemas do mundo: um fato provado também por diversas pesquisas feitas na Ordem nos últimos anos.

Ainda temos que corrigir atitudes clericais. Muitas vezes temos a tendência de nos apoiar nas classes ricas que nos apoiam. Nossa atitude diante do mundo às vezes reflete a dos meios de comunicação.

b - Luzes

80. A renovação recente de nossa Ordem, que se manifestou com evidência, na revisão das Constituições em 1968 e continuou com os CPOs e numerosos Encontros locais, abriu pistas impensadas para o nosso futuro. Nosso nível de conscientização quanto ao que acontece na humanidade e quanto às exigências concretas do projeto fraterno de Jesus para nós foi decididamente enriquecido nestes últimos anos. Um testemunho disso, entre outros, é a nova maneira de nos considerarmos "pessoas" em nosso relacionamento mútuo e na prática da obediência.

Esperamos que a Ordem examine seriamente a realidade e se coloque outra vez, como os primeiros tempos, à escuta de sua vocação primitiva para fazer opções decisivas.

B - CRITÉRIOS E MOTIVOS PARA NOSSAS OPÇÕES

81. Um primeiro critério é o respeito dos direitos humanos fundamentais. Isso comporta: recolocar o homem e seus direitos no centro de nossas preocupações; reagir todas as vezes em que um ser humano ou um povo for objeto de injustiça, for impedido em seu desenvolvimento normal, for excluído do direito de participação sob todas as suas formas (cf Const. 99,1-2); intervir todas as vezes em que a natureza for violentada ou agredida.

82. Jesus se consumiu pela causa do homem. Ele é o "jus" \ ' to" (Is 45,8). "Nossa paz" (Ef 2,14), apaixonado porque todos tenhamos vida em abundância, que ninguém seja excluído (Jo 10, 1s) e que sejam considerados primeiro os que têm menos acesso à vida (Lc 1,16ss). Esse projeto fraterno de Jesus, vivido por nós com coragem, arriscando-nos e, se necessário, até à morte violenta eis a nossa vocação cristã. Se esse circuito vital que leva à paz for bloqueado pela injustiça ou por qualquer mal, deveremos lutar para que a vida possa continuar afluir em

abundância para todos.

83. Essa é a experiência vivida por Francisco no seguimento de Jesus. Ele recebeu a vocação de anunciar a paz. Isto é, a vida em abundância (Test. 23; ICel 29). Fez isso com a alegria de quem transmite a vida, mas também com um espírito de penitência e de conversão, como Jesus que derramou o sangue para cumprir sua missão de paz (Ef 2,14). Primeiro foi um homem de paz, depois anunciou a paz.

84. Como Jesus, Francisco anunciou o evangelho da paz a todos, com uma preferência desde o começo pelos "excluídos" (cf. Testo 1-3). Fez isso como "menor" a partir dos mais pequenos; fez isso sem violência, sem meios de poder, mas decididamente, assumindo os riscos que a missão comportava (visita ao Sultão).

85. Francisco viveu e anunciou a paz às pessoas, aos animais e às coisas, como a irmãs e irmãos, membros da mesma família, com respeito e gratuitamente. Acreditou que todo ser podia tornar-se "irmão": o Sultão, o lobo, o fogo... Fez assim justiça às pessoas e à natureza, olhando-as como Deus as vê, e tratando-as como Deus as trata.

86. Francisco transmitiu-nos um carisma especial em favor da paz, da justiça e da natureza. O ponto de vista do pobre é o lugar privilegiado do qual um filho de Francisco vê e proclama os valores. A reconciliação e o respeito pela criação são os meios que Francisco nos propõe para chegar à verdadeira paz e à harmonia. Isso faz parte integrante de nossa vocação franciscana.

87. O que foi dito pode ser vivido na maior liberdade e pluriformidade. Entretanto, o conteúdo não pode ser rejeitado sem questionar o nosso carisma franciscano. Paulo VI recordou isso ao nosso Capítulo Geral de 1976: "Queremos lembrar uma das características mais tradicionais do espírito de vossa Ordem, que nos parece importante colocar em evidência ainda hoje, de modo particular em vosso apostolado, e de vos fazerdes em todas as circunstâncias portadores de paz entre os homens".

88. Nossas Constituições de 1982, na linha dos CPOs de Quito (9,17), de Matli (4,22,27) e de Roma (6,8,12,31,42,44) convidam-nos para a audácia e a coragem. "Não tenhamos medo de proclamar aos homens que detêm o poder e dominam sobre os povos o anúncio da conversão para a justiça e para o compromisso de conservar a paz" (Const. 145,4). Muitos de nossos irmãos já enfrentaram o risco de fazer isso no passado. Os que tentam fazê-lo hoje nem sempre têm uma acolhida calorosa.

89. Trata-se de reencontrar a força escondida no nosso carisma. Os Bispos italianos escreviam por ocasião do oitavo centenário do nascimento de São Francisco: " ... Sem pretensão de mudar as estruturas sociais de então, Francisco de fato revolucionou o seu tempo renovando a consciência dos homens e a fisionomia da sociedade" ("L' Observatório Romano", de 14/03/1982, p.4).

90. A nossa presença ativa na promoção da justiça e da paz inspira-se também na tradição de nossa Ordem: de fato, os capuchinhos, desde o início, promoveram uma vasta obra de pacificação social e de justiça tanto em formas humildes e em âmbito local, principalmente pela pregação, quanto em missões diplomáticas de grande fôlego, com personagens eminentes como Jacinto de Casale, Marcos de Aviano, São Lourenço de Brindes, etc.

C - PISTAS CONCRETAS DE AÇÃO

91. O olhar contemplativo voltado para Jesus e para seus membros é capaz de nos transformar.

Os oprimidos e os excluídos serão nossos irmãos e irmãs. Serão também nossos mestres. Junto a Jesus e a esses seus membros sofredores, experimentaremos a conversão para a paz, não de maneira teórica mas de um modo que nos empurrará para ações concretas e corajosas. Isso nos colocará sem dúvida no caminho da cruz mas há de tornar-nos capazes de amar a todos, mesmo os nossos inimigos, como exige a nossa obra franciscana de paz,

Esse olhar contemplativo a Cristo e a seus membros far-nos-á sem dúvida compreender que precisamos mudar muitas coisas que achamos importantes em nossa vida pessoal e comunitária e nos levará a refazer drasticamente a nossa opção das prioridades, a "refundar" a nossa vida partindo de uma "inspiração reencontrada".

92. Os excluídos deste mundo têm acesso privilegiado ao Reino de Deus e são os primeiros a receber a Boa Nova (Lc 4, 14-18), pelo que tornou-se imperioso que, para ouvir o autêntico grito dos pobres, nossa Ordem tenha fraternidades entre os pobres. Somos felizes de ter tanto de nossos frades em contacto quotidiano com os oprimidos e marginalizados. Eles nos ajudarão a ouvir o grito dos pobres e a fazê-lo parte da nossa oração e de nossa resistência a tudo quanto os oprime. Sigamos, portanto, o exemplo de São Francisco que desejava muitas vezes voltar para o meio dos leprosos para aprender com eles (Rnb IX,3).

93. Recordemos todas as palavras dirigidas aos religiosos por Paulo VI cerca de vinte anos atrás: "E então, como vai encontrar eco em nossa existência o grito dos pobres? Ele deveria impedir-vos, antes de tudo, o que seria um compromisso com qualquer forma de injustiça social. Ele obriga, além disso, a despertar as consciências diante do drama da miséria e das exigências da injustiça social, do Evangelho e da Igreja. Induz alguns de v6sa chegar aos pobres em sua condição, a partilhar suas ânsias lancinantes ... (ET 18)".

94. Nós temos tanto que fazer quanto à conversão de que falamos: É uma nova escola que tem que passar através do coração e também através da inteligência. Francisco frequentou longamente os excluídos antes de compreender claramente sua vocação. É na praça pública e em contacto com os excluídos que compreenderemos também o sentido profundo de nossa vocação, experimentando nos mesmos as injustiças e a violência de que eles são vítimas todos os dias. Foi assim que Jesus aprendeu em contacto com os excluídos e desprezados de seu tempo.

95. O nosso programa de formação inicial deve garantir que os novos irmãos façam essa experiência. O mesmo vale para a formação permanente. Não deixemos passar a oportunidade de tornar conscientes dessa realidade também outras pessoas, desde os membros das fraternidades da OFS até às pessoas que atinjamos em nossos encontros quotidianos.

Recordemos logo que não basta para os filhos de Francisco propor soluções e alternativas: nós devemos "ser" e "viver" pessoalmente essas alternativas e implorar ao Senhor que nos ajude nesse caminho.

Um agradecimento especial aos nossos irmãos e ás fraternidades que partilham quotidianamente da vida dos mais "pequenos", em todos os níveis, aos que são solidários com eles no sofrimento e na resistência, aos que realizam dia após dia, a seu modo e nos ambientes mais variados, o projeto fraterno de Jesus.

96. Parte integrante da conversão de Francisco foi a sua renúncia à violência. Nesse espírito, reconhecendo o valor da pessoa humana, recusamo-nos a apoiar o uso da violência como meio de reparar os erros. Da mesma maneira, apoiamos o direito à objeção de consciência contra o serviço militar e nos opomos igualmente à tortura e à pena de morte.

97. Se quisermos que justiça, paz e ecologia se tornem serviços específicos nas nossas

Províncias e fraternidades é preciso formar um secretariado internacional, com pessoas disponíveis em tempo integral. Sua responsabilidade será promover e coordenar esse novo ministério em todo o mundo, franciscanamente. Estará a serviço do Definitório geral, que deve tornar-se constantemente a voz dos pobres para toda a Ordem. Poderia também colaborar com outros grupos, religiosos ou não, que internacionalmente trabalham pela mesma finalidade.

Pedimos vivamente às Províncias que criem esse secretariado de IPE (justiça, paz, ecologia), onde ainda não existe, confiando a sua responsabilidade a pessoas capazes.

98. Deverá ser elaborado um programa concreto para a animação de justiça, paz e ecologia. Nossa opção por esses valores deve ser baseada em dados científicos nos campos em questão. Precisamos, por isso, de uma informação suficiente e também de uma formação de especialistas nesses campos, baseada em fundamentos bíblicos sólidos e em uma leitura crítica dos escritos e da vida de São Francisco. Convidamos os nossos professores de universidade, por exemplo do *Antonianum*, de São Boaventura e de outros Centros Franciscanos a preparar seminários e programas de formação sobre essa matéria, e também a apresentá-la como matéria de estudo universitário.

99. Qualquer forma de injustiça e de desigualdade deve desaparecer de nossas fraternidades, especialmente as formas de clericalismo que talvez ainda existam. Faça-se também uma revisão do salário dado aos nossos empregados. Devemos vigiar sobre o uso feito pelos bancos do dinheiro que depositamos.

100. Os irmãos sejam vigilantes no plano ecológico, evitando ter jardins e bosques não utilizados nem por nós nem por outros, ou de vendê-los com perigo de exploração. Serão solidários com os que lutam contra a destruição da natureza em todas as formas.

101. No esforço de construir um mundo mais justo não somos certamente nem os primeiros nem os únicos, nem necessariamente os melhores. O melhor que podemos fazer, muitas vezes, será apoiar os grupos já existentes, e fazê-los franciscanamente.

Antes de tudo, somos solidários com as iniciativas nascidas no seio da família franciscana."

102. Ainda não acabamos de descobrir a força escondida e a grandeza de nossa vocação. Como São Francisco, recebemos a missão de viver e de anunciar a paz e a reconciliação. Pela nossa vocação nós testemunhamos que é possível viver neste mundo relacionamentos fraternos baseados na justiça e no amor, e somos ao mesmo tempo guardas desta Natureza que o Criador confiou a todos.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim de nossas reflexões no sábado, 27 de setembro de 1986, dedicado como todos os sábados a Maria, Rainha de nossa Ordem. No final de nosso encontro, podemos dizer com as palavras do "Magnificat": o nosso ser proclama a: grandeza do Senhor, e o nosso espírito encontrou alegria em Deus nosso Salvador ... Esperamos confiantes o dia em que toda a atividade capuchinha se torne profética no sentido do "Magnificat" e participe no processo pelo qual os soberbos sejam confundidos nos pensamentos de seu coração, em que a força dos poderosos seja reordenada de modo que sejam levantados outras vezes os humildes e os oprimidos, em que vamos convidar os corações dos ricos à conversão, de maneira que sejam garantidas as melhores coisas para os que têm fome, em que a reconciliação e a paz passem a ser uma atitude moral.

A ordem deu início a um momento de graça três anos atrás, quando fomos convidados a refletir sobre o tema: "A nossa presença profética: vida e atividade apostólica". Para nós, Delegados, a celebração do próprio CPO no Brasil foi uma experiência forte dessa graça, que agora chama todos os frades do mundo a continuar o caminho iniciado, acolhendo com benevolência as reflexões e sugestões deste documento e pondo em prática com coragem as suas propostas.

Confiantes no Senhor, que assistiu a Ordem no passado, olhamos com esperança para o futuro. Deus, que começou esta obra, há de levá-la à perfeição até o dia de Cristo Jesus nosso Senhor.

Sommario

Vº CONSELHO PLENÁRIO DA ORDEM NOSSA PRESENÇA PROFÉTICA NO MUNDO: VIDA E ATIVIDADE APOSTÓLICA Garibaldi, 1986	5
INTRODUÇÃO	7
Capítulo Iº A CONTEMPLAÇÃO EM NOSSA VIDA E ATIVIDADE APOSTÓLICA	9
A - OS NOVOS CONTEXTOS DA CONTEMPLAÇÃO.....	9
B - CARACTERÍSTICAS DA NOSSA CONTEMPLAÇÃO	10
C - OPÇÕES PRÁTICAS	12
Capítulo IIº O DOM E O COMPROMISSO DA FRATERNIDADE	13
A - DIGNIDADE, IGUALDADE, SOLIDARIEDADE NO CONTEXTO ATUAL.....	13
B - DO INDIVIDUALISMO AO TESTEMUNHO PROFÉTICO DA FRATERNIDADE.....	14
C - ORIENTAÇÕES PRÁTICAS	15
Capítulo IIIº A NOSSA VIDA DE POBREZA E MINORIDADE ENTRE OS POBRES	18
A - EXAME DA SITUAÇÃO ATUAL.....	18
Capítulo IVº NOSSA ATIVIDADE APOSTÓLICA.....	21
A - A EVANGELIZAÇÃO EM UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO	21
B - JUÍZO E AVALIAÇÃO	22
C - CONVITE A AÇÃO E OPÇÕES PRÁTICAS.....	24
Capítulo Vº NOSSO ANÚNCIO DA JUSTIÇA DA PAZ E DO RESPEITO PELA NAT REZA.....	26
A - ANÁLISE DA SITUAÇÃO ATUAL	26
I - SINAIS DE MORTE E DE VIDA NESTE MUNDO	26
II - A IGREJA: SOMBRAS E LUZES.....	28
III - A NOSSA FRATERNIDADE CAPUCHINHA: SOMBRAS E LUZES	29
B - CRITÉRIOS E MOTIVOS PARA NOSSAS OPÇÕES	29
C - PISTAS CONCRETAS DE AÇÃO	30
CONCLUSÃO	33



www.ofmcap.org